

O momento certo

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)



Conheci o então recém-eleito deputado federal Geraldo Alckmin na residência do saudoso senador Severo Gomes, no início da legislatura de 1987. O novo parlamentar tinha acabado de chegar a Brasília para iniciar sua vida na esfera federal depois de ter sido bem-sucedido como vereador, presidente da Câmara e prefeito de sua cidade, Pindamonhangaba, às margens da Via Dutra que liga o Rio de Janeiro a São Paulo.

Aquele tímido representante do interior paulista ainda guarda algumas características do homem simples do interior. Mas trabalhador, discreto e bom político foi governador de São Paulo várias vezes. Na eleição de 2022, deu o salto mortal, triplo carpado, sem rede. Tornou-se candidato a vice-presidente na chapa de seu eterno concorrente, Lula.

Política permite essas mutações inesperadas, que obrigam observadores a ter muita criatividade para esclarecer o que está diante de todos. Alckmin percebeu a confusão geral que reinava em seu partido, PSDB, tragado por tremenda guerra de egos. Discretamente saiu da legenda, entrou no PSB, concorreu e foi eleito vice-presidente da República. Seus antigos colegas estão mergulhados em potes de mágoas, envoltos por ressentimentos de todos os tipos e calibres. Eles foram constrangidos a assistir ao antigo colega, agora dono de enorme expectativa de poder, a falar como coordenador da transição entre o antigo e o novo governo brasileiro. Alguém já disse que em política o personagem morre várias vezes. E renasce outras tantas.

Geraldo Alckmin, que é primo de José Maria Alckmin, mineiro famoso pela esperteza política e que também foi vice-presidente da República, não precisa ser apresentado a ninguém. Seu nome é uma legenda e significa, no momento, o ponto de equilíbrio entre a esquerda do Partido dos Trabalhadores, os antigos colaboradores do presidente Lula e os novos aliados que vieram de diversos espectros da política nacional, desde o pessoal de Mato Grosso do Sul, trazido por Simone Tebet, até os economistas que criaram o Plano Real. Esse rendilhado de interesses e opiniões resultou na vitória apertadíssima de Lula contra um presidente que buscou a reeleição com todas as suas forças e possibilidades. Nada foi fácil para um e outro lado.

A transição se inicia uma semana após a realização do segundo turno cheia de desafios. As diferenças entre as promessas do poder ascendente e as lembranças do poder descendente vão provocar resistência, organizada ou não, à nova administração. Há em todo o país alguma perplexidade, porque o derrotado recebeu 58 milhões de votos, que é capital político de primeira grandeza. Talvez essa seja a principal novidade na eleição de 2022. Emergiu, com muita força, no Brasil uma direita razoavelmente organizada, capaz de verbalizar seus objetivos, organizar movimentos de massa, mobilizar multidões, além de dominar as iniciativas nas redes sociais. Seu líder não percebeu os novos tempos, a nova linguagem e o fato que o agronegócio, que domina o produto interno bruto

brasileiro, é inteiramente globalizado. A derrota também tem essa explicação.

A partir de agora tudo é futuro. A impressionante e rápida manifestação dos governos europeus, norte-americanos e asiáticos e a visita pessoal do presidente da Argentina colocaram Lula no centro da agenda internacional. Não há força, neste momento, capaz de reverter a situação. Lula vai estrear na COP27, reunião para tratar de meio ambiente que será realizada no Egito. Também já foi convidado para estar presente na próxima reunião do G20, que é o grupo que reúne líderes das maiores economias do mundo. Os desafios são enormes, mas a política caminha para seguir seu rumo moderado no melhor estilo brasileiro. Sempre que algum personagem radicalizou, pela extrema direita ou pela extrema esquerda, perdeu.

Lula parece ter entendido o recado das urnas. Os dias de descanso em Porto Seguro, no sul da Bahia, proporcionaram recuperar a energia. O longo período no cárcere em Curitiba abriu espaço para rever cenários, relembrar diálogos e fazer a autocritica necessária. Ele mesmo disse, depois de proclamado o resultado, que foi enterrado vivo, mas retornou, viu e venceu. De novo é o presidente da República no Brasil, situação impossível de ser prevista, tanto pelo aspecto jurídico, quanto político, há pouco tempo.

A política brasileira é sutil. Severo Gomes, que gostava das palavras, dizia que é pecado praguejar contra o tempo. As coisas acontecem na hora de acontecer. Nem antes, nem depois. Com Lula foi assim. Ele reapareceu no momento certo.

Um novo tempo

» ISAAC ROITMAN
Professor emérito da Universidade de Brasília (UnB), pesquisador emérito do CNPq, membro da Academia Brasileira de Ciências e do Movimento 2022 – 2030 o Brasil e o Mundo que queremos

Tomei emprestado como título do artigo de Marcos Valle, em sua inspiradora obra musical, que diz no final: “Todos os nossos sonhos serão verdade / O futuro já começou / Hoje a festa é sua, hoje a festa é nossa / É de quem quiser, quem vier / A festa é sua, hoje a festa é nossa / É de quem quiser, quem vier”.

Esse foi o pano de fundo do primeiro pronunciamento do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva. É um convite a toda a sociedade brasileira, para a construção de um país sem fome, trabalhos dignos, educação de qualidade, ciência e tecnologia incentivadas, assistência plena à saúde, direitos humanos respeitados, preservação do meio ambiente, liberdade religiosa, preservação cultural com investimentos em todas as expressões artísticas, respeito e dignidade com nossos povos ancestrais e afrodescendentes e sobretudo o amadurecimento de nossa jovem democracia.

Conseguimos de cabeça alta atravessar um período eleitoral tenso e acirrado. Apesar de alguns grupos radicais, o país não foi incendiado. Apesar de alguns episódios pontuais, nosso Poder Legislativo foi importante para consolidar nossa democracia.

Nosso Poder Judiciário, da mesma forma, garantiram a lisura e a normalidade do processo eleitoral. Nossas forças de segurança merecem o nosso reconhecimento pela manutenção da ordem. É também importante reconhecer a postura e ações das forças armadas, durante o processo eleitoral e não dar eco às provocações para um golpe militar. Esse conjunto de poderes e instituições clama para uma união de todos visando a uma sociedade em harmonia e feliz. Vamos esquecer da direita e esquerda. Vamos olhar para a frente, para a atual e futuras gerações. Vamos dar as mãos, respeitando a diversidade de ideias e convicções. Precisamos recuperar o diálogo respeitoso e civilizado. Novamente, recorro a Marcos Valle, dizendo: “Hoje a festa é sua, hoje a festa é nossa”.

Essa festa da vitória da nossa democracia transcendeu a nossa brasilidade. O processo eleitoral foi acompanhado como nunca, pela imprensa internacional. Após as eleições, o reconhecimento das eleições foi proclamado com rapidez pelas principais lideranças de outros países, independentemente de ideologias e bandeiras. O convite feito para que o presidente eleito participe da Conferência da ONU sobre o clima, no Egito, e a restauração do Fundo Amazônia pela Alemanha e Noruega, apontam para a importância do Brasil no cenário internacional e na preservação da vida no planeta. É dever do estado brasileiro implantar medidas para a utilização racional dos recursos naturais de forma que seja possível suprir as necessidades atuais, mas sem que haja comprometimento da disponibilidade desses mesmos recursos para as futuras gerações.

Os períodos democráticos brasileiros foram interrompidos por regimes autoritários. O início da democracia no Brasil foi o do primeiro governo de Getúlio Vargas em 1930 e que durou até 1934. Em 1946 foi retomada e durou até 1964. Novo retorno foi feito em 1985 com duração até hoje. A democracia brasileira precisa ser preservada, fortalecida e consolidada em um processo de construção que é de responsabilidade de todos nós.

Vamos celebrar a democracia e ouvir todos e incentivar o diálogo. Como se manifestou Paulo Freire: “Um governo verdadeiramente democrático é aquele que ouve a todos, sem nenhum tipo de discriminação ou preconceito”. Lembremos também de Carlos Drummond de Andrade, que disse: “A liberdade é defendida com discursos e atacada com metralhadoras. Vamos aperfeiçoar nossa democracia, consolidando valores como a ética, a solidariedade e a amabilidade. Lembremos o pensamento de Eça de Queiroz: “Nestas democracias industriais e materialistas, furiosamente empenhadas na luta pelo pão egoísta, as almas cada dia se tornam mais secas e menos capazes de piedade”.

Nesse novo tempo, podemos e devemos provocar uma inflexão na sociedade brasileira. Vamos sepultar o comportamento de país colonizado. Vamos concretizar a eliminação definitiva do conceito e prática da escravidão. Vamos proclamar a nossa soberania e a verdadeira independência. Vamos dar a oportunidade para que todos os brasileiros tenham oportunidade de conquistar seus sonhos e serem felizes. Vamos festejar a vida. A festa é sua, hoje a festa é nossa.

Prematuridade e a gravidez não planejada

» RICARDO LOURENÇO
Médico, é presidente da Organon

Novembro (Roxo) é o mês internacional de prevenção e sensibilização sobre a prematuridade. O objetivo principal da data é alertar a sociedade sobre o crescente número de partos prematuros, que são os que acontecem antes de a mulher completar 37 semanas de gestação. De acordo com dados da organização não governamental (ONG) Prematuridade.com, no mundo todo, a prematuridade é a principal causa de mortalidade infantil antes dos 5 anos de idade. O Brasil figura em 10º lugar no ranking mundial, em números absolutos, de partos prematuros.

Diante desse cenário, é iminente falar sobre a importância do pré-natal e os prejuízos que a falta desse acompanhamento médico ao longo da gravidez pode causar tanto para a saúde da gestante quanto para a do bebê. Quando os exames são feitos adequadamente, podem ser evitadas doenças transmitidas de mãe para o filho, como sífilis, HIV, hepatites B e C. Além disso, o pré-natal pode detectar outras doenças que, se não tratadas, podem ocasionar o parto prematuro, como a anemia, a diabetes gestacional, a hipertensão e a infecção urinária.

Quando falamos de mães adolescentes, os riscos para a saúde podem ser ainda mais elevados. Segundo a Organização Mundial da Saúde, as grávidas de 10 a 19 anos enfrentam maiores riscos de eclampsia, endometrite puerperal e infecções

sistêmicas do que mulheres de 20 a 24 anos. A entidade ainda revela que as complicações na gravidez e no parto são a principal causa de morte entre meninas de 15 a 19 anos em todo o mundo.

Mas o que leva algumas mulheres a não procurar a assistência pré-natal? Os motivos não são conclusivos, mas eles passam pela falta de acesso a serviços de saúde, ausência de informação sobre sexualidade e, ainda, pela gravidez não intencional. Uma gestação não planejada pode resultar em consequências graves, tais como depressão pós-parto e desnutrição do bebê. Na adolescência, outro fator que chama a atenção é a vergonha da gravidez, fazendo com que escondam a gestação por muito tempo, prejudicando o pré-natal. O impacto pode ser bastante negativo, pois negligenciar o pré-natal se reflete diretamente no índice de mortalidade infantil.

O relatório “Vendo o Invisível”, que o Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa) lançou recentemente sobre a crise invisível de gravidez não intencional, traz uma análise com base nos dados de Pesquisas de Demografia e Saúde (DHS) em que diversos estudos fazem essa correlação da gravidez não planejada e o pré-natal. De acordo com o documento, a tendência entre as mulheres com gravidez não planejada é começar a receber cuidados pré-natais mais tarde e ter menos consultas pré-natais do que as mulheres com gravidez planejada.

Estudos em países ocidentais mostram que as mulheres solteiras que relataram que sua gravidez não foi intencional eram significativamente menos propensas a fazer uma consulta pré-natal durante as primeiras oito semanas de gravidez e eram duas vezes mais inclinadas a procurar atendimento pré-natal somente após o primeiro trimestre. O mais indicado seria o pré-natal ocorrer quando a mulher ainda está planejando engravidar. Dessa forma, o ginecologista já poderia verificar se ela tem alguma doença prévia, prepará-la para as transformações que vai sofrer durante os nove meses, explicar sobre a rotina das consultas e ainda sobre as possibilidades de parto, municiando-a de todas as informações necessárias para uma gestação tranquila.

Mas, no Brasil, o conceito de planejamento reprodutivo ainda é pouco difundido e adotado, o que é lamentável. Ele oferece uma poderosa ferramenta para que mulheres de todas as classes sociais tenham autonomia sobre o próprio corpo e decidam se querem engravidar e quando. Porém, a prática do planejamento reprodutivo não depende só das mulheres. Trata-se da construção de uma cultura a partir da disseminação de informações, da oferta de orientações médicas, da ampliação do acesso a mais métodos contraceptivos e do apoio da família, do parceiro ou parceira e dos amigos. Certamente, seria um passo importante para melhorar as estatísticas de prematuridade no Brasil.